
This is an electronic reprint of the original article.
This reprint may differ from the original in pagination and typographic detail.

Viana, Fausto; Pantouvaki, Sofia

Traje de cena/figurino em tempos de guerra e guerrilha

Published in:
dObras

DOI:
[10.26563/dobras.v12i26.910](https://doi.org/10.26563/dobras.v12i26.910)

Julkaistu: 01/08/2019

Document Version
Publisher's PDF, also known as Version of record

Published under the following license:
CC BY-NC-ND

Please cite the original version:
Viana, F., & Pantouvaki, S. (2019). Traje de cena/figurino em tempos de guerra e guerrilha. *dObras*, 12(26), 11-14. <https://doi.org/10.26563/dobras.v12i26.910>

This material is protected by copyright and other intellectual property rights, and duplication or sale of all or part of any of the repository collections is not permitted, except that material may be duplicated by you for your research use or educational purposes in electronic or print form. You must obtain permission for any other use. Electronic or print copies may not be offered, whether for sale or otherwise to anyone who is not an authorised user.

[dossiê]



Traje de cena/figurino em tempos de guerra e guerrilha

Costume in times of war and guerrillas

FAUSTO VIANA¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4823-3626>

SOFIA PANTOUVAKI²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1205-3818>

Os Amigos

A mim, o teatrólogo
A Guerra separou de meu amigo, o cenógrafo.
As cidades em que trabalhamos já não existem.
Andando pelas cidades que ainda existem
digo por vezes: aquela peça azul de roupa
meu amigo a teria colocado em lugar melhor.

(BRECHT, 2000, p. 311)

A guerra e o desemprego foram duas das grandes temáticas que abrangeram o teatro mundial no século XX, como disse o dramaturgo Sérgio de Carvalho (2002). A guerra... “A guerra é quase tão antiga quanto o próprio homem e atinge os lugares mais secretos do coração humano, lugares em que o ego dissolve os propósitos racionais, onde reina o orgulho, onde a emoção é suprema, onde o instinto é rei” (KEEGAN, 2006).

Keegan diz ainda, ao longo de sua obra, que a guerra está relacionada com a economia, com a política, com a diplomacia, com os valores humanos e está intrinsecamente ligada à trajetória da humanidade.

Bertolt Brecht, o dramaturgo alemão que ofereceu a epígrafe da nossa apresentação, também passou por guerras; duas, na verdade, de caráter mundial, e inúmeras de caráter interno e pessoal. Na I Guerra Mundial ainda era bem jovem, mas já reconhecido poeta. Na II

¹ Doutor em teatro e museologia. Professor de cenografia e indumentária, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, Brasil.
E-mail: faustoviana@uol.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8433918896586792>.

² Doutora em teatro. Professora de figurino para teatro e cinema, Escola de Artes, Design & Arquitetura, Universidade de Aalto, Finlândia. E-mail: sofia.pantouvaki@aalto.fi.

Grande Guerra, era um homem conhecido, um dramaturgo com princípios políticos, éticos e artísticos já estabelecidos. A guerra o afasta de seu principal colaborador na cenografia, o alemão Caspar Neher (1897-1962): o teatrólogo fica afastado de seu cenógrafo, cada um em uma parte da Alemanha dividida pela guerra. Brecht reclama muito da falta de materiais para escolher e usar em cena – a guerra havia deixado sequelas profundas nos modos de produção. Brecht e alguns membros do Berliner Ensemble relatam um pouco deste processo na obra *Theaterarbeit*, lançada em 1955, onde contam inclusive como e porque foi feito o processo de envelhecimento de trajes como os de *Mãe Coragem*, um dos espetáculos em que pensamos quando surgiu a ideia deste dossiê para a revista **dObras[s]**.

A ideia era discutir como a criação de trajes de cena acontece em períodos de turbulência que podem incluir a política, a economia, aspectos sociais, militares e religiosos. Mais do que discutir quem cria, veste ou faz, indo além do aspecto estético e visual, o objetivo era investigar como o traje de cena ou figurino se insere nas produções teatrais ou espetaculares durante períodos de guerra e guerrilhas, que incluem os grandes conflitos, mas não excluem os conflitos pessoais e internos, ao tentar investigar como o artista do figurino cria em tempos de conflito ou violência externa contra seu corpo ou espírito. O princípio de trabalho poderia incluir analisar vídeos ou imagens dos espetáculos, ler declarações dos artistas, figurinistas e costureiros do traje e discutir os resultados vestimentares do espetáculo através de material bibliográfico sobre eles, no período em que estão inseridos.

E como o tema tem sido adotado pelo teatro mundial! Já na antiga Grécia, quando eles estavam em guerra, se houvesse um festival de teatro a guerra era suspensa por um período – e a temática foi destacada em muitos espetáculos gregos, como no cômico *Lisístrata*, em que as mulheres entraram em greve de sexo porque seus maridos viviam em função da guerra. Na Idade Média, a igreja lutou tanto fisicamente, nas Cruzadas, como também o fez para impor seu pensamento, em guerra de dominação ideológica que ainda tem raízes profundas na humanidade. Incríveis projetos artísticos foram soterrados pela guerra, como o projeto de Hellerau, de Émile Jacques-Dalcroze e Adolphe Appia, ou o projeto da escola de teatro de Edward Gordon Craig, em Florença.

Os trajes de cena também foram importantes em projetos que abordavam ou criticavam a Revolução Russa: *Bodas de Fígaro*, dirigido por *Stanislavski*; *A tomada do Palácio de Inverno*, de Nikolai Evreinov; ou mesmo os espetáculos feitos para as grandes massas de Meyerhold.

Na França, foram inúmeros espetáculos, mas destacamos aqui o trabalho da trupe do Théâtre du Soleil, cuja diretora Ariane Mnouchkine, ainda vive e segue forte. Dentre os trabalhos da companhia que poderiam ser ligados à temática do nosso dossiê, destacamos *1789 – A revolução deve acontecer* (1969); o ciclo dos Átridas (entre 1990 e 1993) e *A última estalagem* (2003).

No Brasil, tivemos espetáculos importantes que questionavam a ditadura militar, como *O balcão*, em montagem de Victor Garcia, e o teatro de resistência do grupo Oficina, que resiste até hoje. Podemos lembrar também de espetáculos que defendiam raça e gênero, conflitos ainda sem solução no Brasil como um todo – e em diversas partes do mundo também. Neste sentido, o Teatro Experimental do Negro, de Abdias Nascimento, e que contava com o apoio do cenógrafo e figurinista Santa Rosa, merece destaque, bem como os

espetáculos dos Dzi Croquettes, capitaneados por Lennie Dale, que mostravam um “alegre desbunde” em cena, questionando os militares e um modo “careta” de viver.

Lançada a chamada, recebemos uma série de artigos dos quais selecionamos seis.

Ana Carolina Ribeiro traz “O traje de cena e as manifestações performáticas vanguardistas no início do século XX”. A autora delineia uma visão panorâmica sobre importantes manifestações de traje de cena dos futuristas, dadaístas, surrealistas e da Bauhaus, analisando como o traje foi parte importante destas manifestações no início do século XX.

Arianne Vitale Cardoso e Renato Bolelli Rebouças apresentam o texto “Vestir a invenção: poéticas de guerrilha artística em ações coletivas”, em que apresentam sua potente ação artística contemporânea na criação de trajes que se apropriam da materialidade para criar dispositivos, que eles exemplificam através do processo de criação da obra *Invenção*, realizada no âmbito da Usina da Alegria Planetária (UAP), com um trabalho que envolveu diversos artistas.

Eva Butzkies enviou da Suíça um texto sobre os trajes que ela criou para o espetáculo “1918.CH – 100º Aniversário da Greve Estatal”. A produção trata da única greve geral que a Suíça teve até hoje, em 1918, e que quase levou o país a uma guerra civil com o exército se voltando contra a população, no final da Primeira Guerra Mundial, em que a Suíça foi neutra no conflito. Todas as nove exigências dos grevistas foram atendidas ao longo das décadas, o que ajudou a moldar a Suíça ao que ela é hoje.

A obra *La loge des Fratellini*, do artista francês contemporâneo Michel Aubry, apresentada na 30ª Bienal de Arte de São Paulo, em 2012, é o tema da pesquisadora Maria Celina Gil, que analisa como os temas guerra, moda, traje de cena e cinema interagem na composição desta obra, que trazia, como parte da instalação, os trajes de cena usados pelo artista na refilmagem de filmes de guerra da primeira metade do século XX. O artigo é “Camarim fantasma: o traje de cena ressignificado em *La loge des Fratellini*”.

“Performance e ritual nos trajes de cena da série Mapa/Corpo do La Pocha Nostra” é o texto de Sandra Pestana, que mostra como a criação de trajes e o espetáculo em si foram afetados pela guerra ao terror, declarada pelo governo de George W. Bush após o atentado de 11 de setembro de 2001.

Tainá Macedo Vasconcelos entrevistou o ator Marcos Felipe e a figurinista Camila Murano para entender o complexo processo de criação de um espetáculo que tem como mote a vida de uma transexual brasileira. O artigo é “Luís Antônio Gabriela: quando o traje é o corpo”, e traz um pouco do vigoroso trabalho da Cia. Mungunzá de Teatro, que está presente nesta edição também nas imagens de cada artigo. São imagens feitas pela fotógrafa Letícia Godoy.

Não deixe de ler também, na seção Costuras, o texto “Dormindo com o inimigo: processos pessoais e a criação de uma figurinista em tempos de guerras pessoais”, em que a figurinista Pam Tait fala um pouco sobre uma conturbada relação matrimonial e como isso impactou em seus processos criativos.

Leia, divirta-se, deixe-se inspirar por todos os textos. Nunca se sabe o que vai ativar um processo criativo, fundamental na criação de trajes!

Referências

BERLAU, Ruth; BRECHT, Bertolt et al. **Theaterarbeit**. Berlim: Henschelverlag Kunst und Gesellschaft, 1955.

BRECHT, Bertolt. **Poemas 1913-1956**. Tradução e organização Paulo César de Souza. São Paulo: Editora 34, 2000.

CARVALHO, Sérgio. Obra expande caráter “laboratorial” de Brecht. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 6 abr. 2002. Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0604200221.htm>. Acesso em: 14 jul. 2019.

KEEGAN, John. **Uma história da guerra**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006. Edição Kindle.